



Arquivo Soma

O gosto pelos desafios fez com que Boris deixasse a Folha de São Paulo e fosse para a TVS

## Um âncora na chuva

*O jornalismo da TVS muda de tom na voz de Boris Casoy*

SÃO PAULO — Um dos prazeres evidentemente mais insólitos confessados pelo jornalista Boris Casoy, *anchorman* e editor-chefe do telejornal *TJ Brasil*, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), é o de caminhar debaixo de uma tempestade. Esse gosto personalíssimo é uma exteriorização do mesmo espírito aventureiro, da enorme disposição de encarar riscos que, há três meses, o fez trocar quinze sedimentados anos de trabalho no jornal *Folha de S. Paulo*, onde chegou a ser diretor de redação, pelo desafio de uma estréia tardia na televisão.

Solteiro, 47 anos, 32 de jornalismo, o paulistano Casoy tornou-se o "âncora" — jornalista que comanda o noticiário de uma rede de TV, apresenta e comenta as notícias — do principal telejornal da rede de Sílvio Santos, a segunda maior do país, com 45 emissoras coligadas. Sob o seu comando, o *TJ Brasil*, o novo jornal nacional do SBT, levado ao ar de segun-

da a sábado às 19h10, vem registrando uma audiência ascendente nas pesquisas do Ibope; começou com cinco pontos em agosto e há três semanas já está com dez.

Na opinião do diretor-executivo de telejornais do SBT Luís Fernando Emediato, o grande responsável pela subida do índice é o carisma do apresentador, que, fiel ao seu papel, "âncora" todos os processos do jornal, desde a reunião de pauta, no começo da tarde, até à leitura, no ar, de comentários por ele mesmo redigidos. "Casoy é um profissional independente que passa credibilidade ao público", opina Emediato. Outro fator que influi nesse aumento de audiência, segundo o diretor-executivo, é o propósito do telejornal de dar espaço às mais divergentes opiniões. "Aqui há lugar para a palavra de um Maluf ou de um Lula, sem distinção", afirma ele.

"Aceitei a nova missão como um desafio", conta Casoy que assegura ter total

liberdade para fazer os seus comentários no programa, sem nunca ter sofrido restrições por parte de Sílvio Santos. Como Emediato, o diretor-geral de jornalismo do SBT, Marcos Wilson, tinha visto o jornalista poucas vezes no vídeo. Uma delas, por sinal, já é histórica. Num debate na tv entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo, em 1985, ele fez o senador Fernando Henrique Cardoso, então no PMDB, e o ex-deputado federal Eduardo Suplicy, do PT, tremmer nas bases quando perguntou ao primeiro se acreditava em Deus e ao segundo se sabia o preço do pão. "Uma de suas maiores qualidades dele é o humor", considera Carlos Brickmann, editor da Folha da Tarde que conheceu Casoy em 1965 como locutor da Radio *Eldorado*. Boris Casoy começou no jornalismo, aos 15 anos, como locutor, e em função disso é capaz de imitar qualquer voz depois de cinco minutos de conversa.

Ele já deixou, por isso, enfurecido, muitas vezes, o ex-secretário de redação da *Folha de S. Paulo*, Odon Pereira, hoje candidato a vereador pelo PTB. "Casoy já me fez escrever laudas e laudas de entrevistas com Jânio Quadros para, só no final da ligação, revelar a sua farsa", lembra. "Até que um dia o próprio Jânio me telefonou e eu desliguei com um palavrão". Pereira o apelidou de "Dom Fulgêncio", um personagem dos quadrinhos da década de 40, como Casoy gorduchinho e do óculos, que vivia fazendo piadas por que não teve infância. Em outra ocasião, então com 23 anos, Casoy se fez passar, durante muito tempo, por uma fã devassa cujos telefonemas era ansiosamente aguardados pelo atual dono da produtora *TV 1*, Sérgio Mota Mello, na época um adolescente de 17 anos. Essa sua habilidade, aliás, ainda é usada quando quer devassar alguns assuntos sigilosos da política.

"Meu humor é proporcional às trombadas que levo", admite Casoy. De uma dessas trombadas, uma reportagem publicada em 1969 na revista *O Cruzeiro*, que o incluía entre os integrantes do CCC, o sinistro Comando de Caça aos Comunistas, ele nunca mais se refez. "Eu tenho uma posição liberal, nunca cogitei em participar do CCC", garante ele. "Boris Casoy representa o espírito do jornalista independente com fontes que vão da extrema direita à extrema esquerda", elogia o editor-chefe adjunto do *TJ Brasil*, Dácio Nitri, até hoje comemorando o recente "furo" que deram no *Jornal Nacional*, ao anunciar na frente o último aumento da gasolina. "O seu defeito é a total falta de paciência para reuniões organizadas", alfineta Nitri. A organização, de fato, nunca foi dos seus dons maiores. A sua mesa na *Folha*, por exemplo, era chamada de "Triângulo das Bermudas", um lugar onde, como ocorre aos navios em determinada área do Caribe, as coisas desaparecem.

Lina de Albuquerque